

# A Bíblia e a Guerra

Ten Cel Inf QEMA  
RICARDO FERNANDES

*A vontade de Deus era, constantemente, consultada ao ser empreendida uma guerra. (Jui, Cap 20, Ver 23, 27 e 28; 1 Sam, Cap 14, Ver 37 — Cap 23, Ver 2; 1 Reis, Cap 22, Ver 5 e 6).*

A Bíblia é, também, um livro de guerra. Está preñhe de narrativas de combates, de intimidações pela força (dissuasão), de demonstrações de força, de espionagem, de pilhagem, de destruição, e de glorificação aos exércitos e ao soldado, sempre com a proteção de Deus estendida a uma das facções. O "Livro dos Livros" transcreve e ensina que as orações e sacrifícios traziam o amparo divino, quando das operações bélicas. Era comum, nas proximidades da batalha, o sacerdote, ou mesmo o comandante das tropas, animar os soldados, falando-lhes da presença de Deus e de seu poderoso auxílio. "Despediam-se das fileiras os pusilânimes, os que haviam construído uma casa nova e que não a tinham habitado, os que haviam plantado uma vinha, mas não haviam comido de seus frutos e os que tinham contratado casamento" e os demais iam à guerra sendo os soldados purificados pelos sacerdotes (1).

## A Formação dos Exércitos e as Leis de Guerra

Em "Números", Cap 1, 2, 10 e 31 aparece a formação dos exércitos, com suas bandeiras e insígnias. Surgem os termos "esquadrão" e "centenas", como idéia de um conjunto tático, cernes da organização dos exércitos. Os chefes ou comandantes destes eram denominados príncipes e o número de seus componentes variava entre 45.000 e 150.000 homens, como o de Ruben, que possuía este último total. Por outro lado, são citados os acampamentos militares, como locais de estacionamento das forças.

"Falou mais o Senhor a Moisés, no deserto do Sinai, na tenda da congregação, no primeiro dia do mês segundo, no segundo ano da sua saída da terra do Egito, dizendo: Tomai a soma de toda a congregação dos filhos de Israel, segundo suas gerações, segundo a casa de seus pais... da idade de vinte anos e para cima, todos os que saem à guerra em Israel; a este contareis segundo os seus exércitos, tu e Arão." Tal ordem divina consigna pois, a primeira Lei do Serviço Militar de que se tem notícia, estabelecendo a idade para as lides castrenses ("vinte anos e para cima"), os que deveriam servir e as entidades tributárias.

A concentração de forças em locais estratégicos ou táticos, a convergência de esforços, a designação de objetivos, o momento e a manobra estão, nitidamente, especificados em "Números", quando o "Senhor falou a Moisés". A descrição da batalha e a repartição das forças no deserto do Parã (situado ao longo e ao Sul do paralelo que liga o extremo norte do Mar Vermelho à parte setentrional do Golfo de Ácaba) são objeto de excelente relato (2).

As leis de guerra estão estatuídas no Cap 20 do "Deuterônômio". A "lei das forças morais" está compreendida pelo combate ao temor, para incitação à batalha e pelo "armar os espíritos para a peleja". O toque místico era dado pela fala dos sacerdotes e o patriótico pela palavra dos oficiais. O apelo à defesa do lar e da propriedade e outros motivos

que até hoje se exploram, para sustentar e animar os combatentes e o povo, durante os conflitos, estão explicados na Bíblia.

As leis do "movimento", da "força", da "ofensiva", da "segurança" e da "surpresa", em seus aspectos mais primitivos, são expostas no texto bíblico. É realçado que se deve obter a maior vantagem e em menor tempo, bem como que a destruição do inimigo é a maneira mais eficiente de se consolidar uma vitória. Além disso, ensina que a procura da decisão deve ser buscada indo-se ao encontro do inimigo e que os combates deveriam ser travados em segurança. Há, ainda, a prescrição que se deveria auferir conhecimentos dos combates travados para aplicação em guerras futuras ("Lei da semelhança ou similitude").

As alianças e o "bater por partes" o inimigo, consubstanciando a "lei de equilíbrio de forças" e o princípio da atuação inopinada, num arremedo da "lei da vantagem inicial", são outras regras apregoadas para a condução das operações militares.

Davi estabeleceu a lei da divisão da presa, ponto "por estatuto e direito" a repartição do material, animais e pessoas pertencentes aos vencidos. Desta forma, precedeu aos acordos, tratados, convenções e outros atos internacionais dos tempos modernos (3).

## ○ Reconhecimento e as Informações

"E falou o Senhor a Moisés, dizendo: envia homens que espie a terra de Canaã...; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada qual maioral entre eles... estes são os nomes que Moisés enviou a espiar aquela terra... Assim, subiram e espilaram a terra desde o deserto de Zim até Reobe, à entrada de Hamate e subiram... Pois Davi enviou espias, e soube que Saul vinha de certo..." A procura de informações, elemento essencial para a tomada

de decisões, isto é, a decisão baseada no conhecimento, é preconizada e objeto de inúmeras citações no "Livro Sagrado" (4).

O reconhecimento, a espionagem, a captura e o interrogatório de prisioneiros de guerra eram as medidas mais comuns antes e durante as operações militares. Até mesmo o preparo psicológico dos prisioneiros, como um processo de obtenção de melhores e mais completas informações, era empregado (5).

### Operações Militares

"Gênesis", em seu Cap. 15, dá a notícia de uma guerra surgida nos alvares do mundo (segundo a Bíblia). É a "guerra de quatro reis contra cinco", onde a concentração das tropas para a batalha, as formações de combate e a utilização de outras armas que não as "convencionais" da época, para vencer o inimigo, são descritas com detalhes. Vale transcrever o seguinte trecho: "... o vale de Sidim estava cheio de poços de betume; e fugiram os reis de Sodoma, e de Gomorra, e caíram ali; e os restantes fugiram para o monte".

As ações empreendidas por Gideão que, com trezentos homens, venceu os midianitas, em número muito superior, contém ensinamentos preciosos. A preparação que empreendeu, antes do ataque, "sob a inspiração do Senhor", é comparável às técnicas levadas a efeito na guerra moderna, no campo da simulação e da finta. Seus três esquadrões, valendo-se da mobilidade, da exploração de recursos psicológicos e de meios fortuna, conseguiram provocar o pânico em todo o exército inimigo. O planejamento detalhado e a seqüência das operações, inclusive a perseguição às forças inimigas em debandada, vêm a se constituir em valiosos subsídios para a história militar (6).

A surpresa, inclusive o aproveitamento da escuridão noturna, a emboscada e a retirada, esta visando a uma operação num futuro imediato, estão presentes na Bíblia. A

operação empreendida por Josué — por ordem do Senhor — contra AI, cobrindo seu movimento com a noite e empregando a emboscada, o ataque de surpresa desfechado por Gideão contra Zebá e Zalmuna e as emboscadas da região de Siquém são exemplos do emprego de tais técnicas e táticas. Por outro lado, a incursão, tão utilizada na guerra de 1939/45, na Coréia, no Vietnã e no conflito judeus e árabes foi, amplamente, empregada pelos povos bíblicos (7).

A destruição do inimigo, sob as mais variadas formas — pelo choque, pelo corte das fontes de suprimentos, seja pelo cerco, seja pelo isolamento — é preconizada como um ato necessário à obtenção da vitória. Envenenar ou tornar impossível a utilização das fontes de água e o isolamento dos “pontos fortes” estão narrados nas operações empreendidas por Senaqueribe, Rei da Assíria, que invadiu Judá para, depois, “ter o seu exército destruído por Deus” (8).

Foram numerosas as operações de cerco nos tempos bíblicos e entre elas podemos citar: o de Samaria; o de Jerusalém, no reinado de Zedequias; o empreendido por Davi — a conselho do Senhor — no vale de Refreim, ou em Geba; o da Babilônia; e, o sítio de Jabesgileade. Estes são alguns exemplos do que se repetiu através dos séculos até Stalingrado, Tobruque e, atualmente, no Sinai (9).

A organização das posições defensivas, isto é, a fortificação de campanha, é descrita, em minúcias, no cerco de Abel de Bete-Maaca, onde foi planejado e executado um “muro”, como se fosse uma linha Bar-Lev da antiguidade. A palavra “fortificação” e a idéia de núcleos de defesa surgem com precisão, no cerco de Jerusalém. As trincheiras construídas subiam até atingirem a metade da altura dos muros das fortificações e se situavam em plano inclinado. Os arietes entravam em posição em frente das muralhas para o assédio e, por sua vez, os localizados dentro das posições defensivas se situavam no alto das torres das edificações. A utilização do fogo, do enxofre, da água fervente e das sapas cobertas (subterrâneas) eram técnicas tanto utilizadas pelos defensores como pelos atacantes (10).

## Presas de Guerra

O saque, a pilhagem, a presa de guerra e os mais variados nomes que se deu e se dá ao aproveitamento e utilização dos suprimentos e de outros bens conquistados ao/ou deixados pelo inimigo, inclusive a vida humana, não se constitui novidade das Convenções, Conferências e Tratados firmados desde a Idade Média até os tempos modernos.

“Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Toma a soma da presa dos prisioneiros, de homens, e de animais, tu e Eleazar... e divide a presa em duas metades, entre os que, hábeis na peleja, saíram à guerra, e toda a congregação...” Davi chegou mesmo a estabelecer uma lei da divisão da presa, conforme já se afirmou anteriormente.

## Guerra Psicológica

Até mesmo a guerra psicológica era preconizada e amplamente utilizada, nos tempos bíblicos. São frequentes as narrações sobre os mais variados processos para afetar a vontade de lutar do inimigo e abater-lhe o moral, introduzindo a dúvida e o pânico em suas hostes. A destruição de Jericó, onde foram “tocadas, longamente, as buzinas de carneiro” e a “gritaria de todo o povo”, a propaganda empregada por Davi e por Ezequias e a palavra de Jeremias contra a Babilônia são alguns fatos que comprovam tal tipo de guerra (11).

## A Insurreição e a Guerra Revolucionária

O golpe de Estado, ora com violência, ora com artimanhas políticas, é velho como o mundo. A conspiração de Zinri, servo do Rei de Judá e chefe da metade de seus carros (os “blindados” já possuíam valor, naquela época), derrubou seu monarca, matando-o e substituindo-o na direção do país. O

levante provocado pela morte de Gedálías, assassinado por Ismael, que fora apoiado pelos "capitães dos seus exércitos" e a conspiração de Gaal são outros episódios da remota antiguidade.

Os livros dos Macabeus fazem uma narração muito precisa da guerra revolucionária. Transcreve suas causas, sua evolução e sua condução, num exemplo incontestável que a história se repete. Conta a história que a tristeza e a revolta dominavam Jerusalém e em todas as cidades e lugares da Judéia, devido "as indignidades religiosas instituídas por Antíoco Epífanês". Este, além de desrespeitar os sentimentos religiosos do povo, mandava castigar e matar os que contra tal estado de coisas se rebelavam. "A insurreição começou a tomar forma" e um dos primeiros a insuflá-la foi o sacerdote Matatias. Este, após matar um oficial sírio, fugiu para as montanhas com seus filhos e se homiziaram nas cavernas existentes na região. Outros judeus foram se reunindo a eles e, com o falecimento de Matatias, seu filho Judas Macabeu o sucedeu. A revolta se espalhou e, sob o comando de Judas Macabeu, desenvolveu-se uma intensa atividade de guerrilha, com homens armados de lanças e ferramentas de lavoura. Simples pastores, em pequenos grupos, escondiam-se nas colinas da região, perfeitamente conhecidas por eles e, de suas bases, lançavam seus ataques sobre as tropas sírias. Judas, morto em combate em Elasa, ao norte de Jerusalém, foi substituído por seu irmão Jônatas.

## A Bíblia e a Guerra

A pesquisa "en passant", do volumoso "Livro Sagrado" não deixa dúvida que a história da humanidade se prende, desde o remontar dos séculos, às guerras. Fenômeno social, econômico, político ou de qualquer outra origem humana ela nasceu com o mundo e evoluiu com ele. Assim, a Bíblia, que é um livro de Paz, particularmente o Novo Testamento,

é, também, e muito mais, pelas inúmeras citações e descrições que contém, um livro de Guerra.

\* \* \*

- (1) I Sam, Cap 7, Ver 8 e 9 — Cap 13, Ver 12; Cron, Cap 20, Ver 47 a 54; Sal, Cap 20 e 21; Deut, Cap 20, Ver 2 a 9; II Cron, Cap 20, Ver 14 a 20; I Mac, Cap 3, Ver 56 — Cap 4, Ver 8 a 11; Num, Cap 31; Ez, Cap 21, Ver 21.
- (2) Num, Cap 31; I Cron, Cap 12; II Cron, Cap 13, Ver 23 a 34 — Cap 20.
- (3) I Sam, Cap 30, Ver 20 a 25; II Sam.
- (4) Num, Cap 13; Jul, Cap 8, Ver 10 e 11; I Sam, Cap 26, Ver 4.
- (5) Jul, Cap 8, Ver 14; I Sam, Cap 30, Ver II; Jos, Cap 2.
- (6) Jul, Cap 7.
- (7) Jos, Cap 8; Jul, Cap 8, Ver 8, Ver 11 — Cap 9, Ver 25 a 32.
- (8) Isa, Cap 18; Jer, Cap 52; At, Cap 13, Ver 17 a 19; Jud, Ver 7; II Cron, Cap 32.
- (9) II Reis, Cap 6, Ver 24; II Sam, Cap 6, Ver 23 a 25; Jer, Cap 50.
- (10) Ex, Cap 4; II Cron, Cap 32, Ver 5 — Cap 26, Ver 15; Gen, Cap 19, Ver 24; Jul, Cap 9, Ver 52.
- (11) Jos, Cap 6, Ver 5; I Sam, Cap 17, Ver 45 e 46; II Cron, Cap 32, Ver 6 e 7; Jer, Cap 50, Ver 35 a 46.

A Diretoria da "A DEFESA NACIONAL" lança um apelo a seus leitores no sentido de colaborar com a Revista, enviando-nos artigos de cunho doutrinário, que digam respeito à missão do Exército como defensor das instituições nacionais, da lei e da ordem.